

“Sabe o que Rola nessa Internet que Ninguém Fala?”: Rupturas de Performances Idealizadas da Maternidade no Facebook¹

Ana Luiza de Figueiredo SOUZA²
Beatriz Brandão POLIVANOV³
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

Resumo

Partindo da observação de que discussões sobre a maternidade têm ganhado visibilidade no Facebook, fazemos aqui uma análise exploratória de uma postagem da mãe, médica e cantora Júlia Rocha. Buscamos atingir os seguintes objetivos principais: 1) investigar que tipos de discursos têm emergido através desse “fenômeno” e de que modos visam desconstruir ou problematizar valores socialmente relacionados à maternidade e 2) entender o lugar de fala através dos quais tais relatos são produzidos, a partir de uma perspectiva pessoal de alguns “nós” na rede. Concluímos que a postagem de Júlia pode ser entendida enquanto uma ruptura de performances idealizadas da maternidade, atrelada a valores como cuidado dos filhos, de si e da relação conjugal, ganhando visibilidade na cultura digital a partir de uma ideia de “sinceridade” ou “autenticidade”.

Palavras-chave: maternidade; ruptura de performance; Facebook.

1. Introdução

Nos últimos anos, a quantidade de discussões sobre a maternidade tem aumentado, ganhando visibilidade sobretudo no Facebook. Tais discussões são protagonizadas e conduzidas por mulheres que não abordam a maternidade em termos universais ou genéricos, mas a partir de suas próprias experiências. Os discursos por elas produzidos exploram diferentes facetas da vivência materna, inclusive as negativas, buscando, assim, problematizar certos aspectos da maternidade que até então teriam ficado de certo modo encobertos ou pouco discutidos.

Como parte deste fenômeno destacamos um caso que ocorreu em junho de 2017, quando a médica, cantora e “mãe de primeira viagem” Júlia Rocha publicou em seu perfil pessoal no Facebook um extenso relato acerca das mudanças que experimentou após a chegada do filho (ver figura 1 abaixo). O texto criticava o silêncio sobre as partes

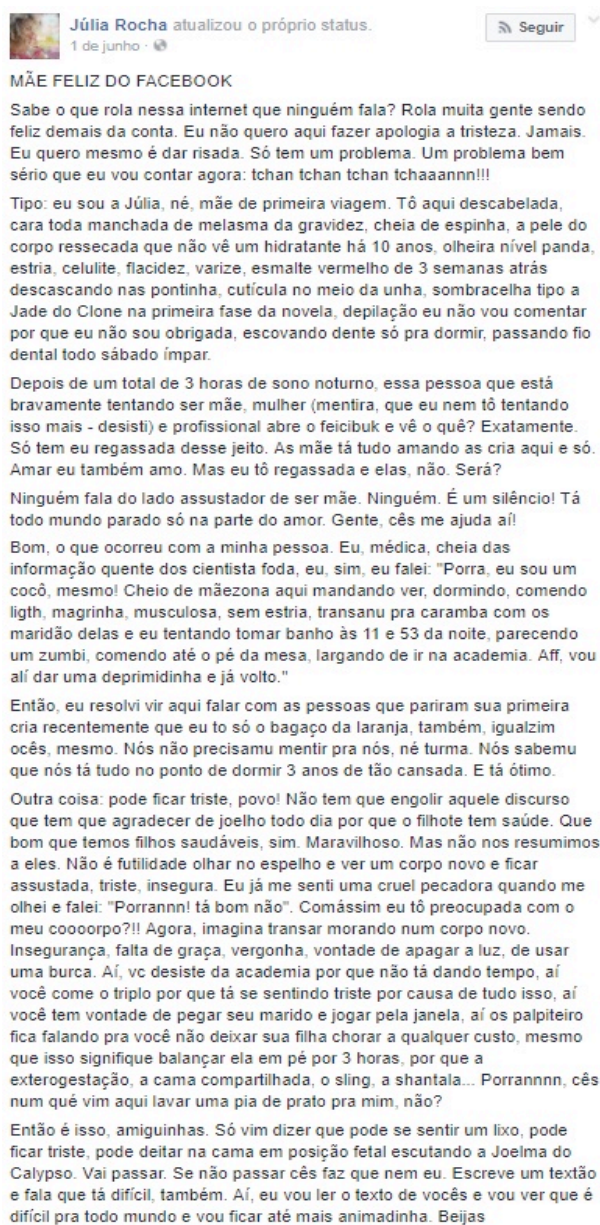
¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal Fluminense (UFF), bolsista CAPES/CNPq, integrante do grupo de pesquisa MiDlCom, e-mail: analuiza.dfigueiredo@gmail.com.

³ Professora adjunta e Chefe do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense (UFF), bem como docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da mesma instituição, líder do grupo de pesquisa MiDlCom, e-mail: beatrizpolivanov@id.uff.br.

complicadas da maternidade (alterações corporais, pouco tempo para si mesma, cansaço, vontade de desistir, baixa autoestima, dentre outras), ocultas pelas próprias “mães felizes do Facebook”, como ela as cunhou, em uma prática de exaltar a felicidade e esconder a tristeza, à qual Júlia atribuiu tanto o funcionamento da “internet” quanto o tratamento dispensando à maternidade. Gerando 16 mil reações, a publicação⁴ teve mais de 2 mil compartilhamentos, inclusive entre sites e páginas do Facebook. Foram 3,5 mil comentários⁵, quase todos de mulheres, em sua maioria de mães.

Figura 1 – Postagem de Júlia Rocha de 01/06/17



⁴ Publicação disponível em: <<https://www.facebook.com/juliapamed/posts/827629184060741>>. Último acesso em: 10/07/2017.

⁵ Números averiguados em 29/06/2017.

Como ocorre em qualquer ambiente de interação social, os sites de redes sociais possuem certas regras e práticas de convivência, ou seja, valores ora implícitos ora explícitos que pautam o modo como as pessoas que os utilizam se relacionam. A necessidade de exibir situações e sentimentos felizes já foi apontada como “inerente”, ou melhor, como um tipo de construção de si mais valorizada⁶ em alguns desses sites, particularmente no Facebook (MILLER, 2011; FREIRE FILHO, 2010; CARRERA, 2014).

Diante desse cenário, a publicação de Júlia Rocha destoa do que seria esperado de uma postagem “típica” em um perfil pessoal no Facebook, ao ressaltar aspectos negativos ou problemáticos de seu cotidiano, indo contra um certo “imperativo da felicidade” (FREIRE FILHO, 2010) que se destaca no site em questão. Além disso, chama-nos a atenção o fato de que Júlia é uma mãe descrevendo os obstáculos da maternidade, isto é, ela, junto a outras mulheres, tem problematizado aspectos considerados historicamente quase como tabus ou com pouco espaço para discussão – e o fazem a partir de suas vivências pessoais e até íntimas.

Da figura da Virgem Maria⁷, passando por campanhas médicas no século XIX até o conteúdo de boa parte das revistas contemporâneas voltadas para o público feminino, a maternidade é tomada como aspecto essencial da vida das mulheres, regida pelos sentimentos de amor, devoção e cuidado. Tornar-se mãe é, nessa construção que podemos chamar de “hegemônica” da maternidade, sinônimo de realização, plenitude, e as ações maternas devem ter o bem-estar e a felicidade dos filhos como principais motivadores. Apesar de ser alvo de discussões nos anos mais recentes, a maternidade permanece como um referencial identitário importante na vida das mulheres. Ainda é grande a cobrança para que sejam mães – ou que pelo menos desejem sê-lo – e, uma vez com filhos, os valores de afeto, dedicação e zelo aparecem como exigências que as próprias mães fazem a si mesmas. Espera-se que priorizem as necessidades das crianças em detrimento das suas próprias, sobretudo no que diz respeito à imagem corporal.

⁶ Mistura-se a isso uma lógica de satisfação e eficácia – em muito influenciada pela cultura corporativista –, segundo a qual não se deve dar espaço a emoções tomadas como impedidoras da realização de metas e desejos. Tal prática remete à ideia do imperativo da felicidade, tal como trabalhada por João Freire Filho (2010).

⁷ O vínculo entre maternidade e condição feminina também se apoia na propagação da figura de Maria como símbolo de amor oblato pelo discurso religioso (BADINTER, 1985). Segundo analisa Lúcia Gomes Pinheiro (2012), a maternidade está inscrita em uma trama sócio-histórica de significados e de relações de poder, ainda prevalentes, que prescrevem posições de sujeito para mulheres.

Ao nos debruçarmos sobre a postagem de Júlia Rocha⁸, buscaremos apontar quais aspectos da maternidade são problematizados e de que maneira a enunciadora sinaliza o que seria a performance “comum” de outras mães. Iremos principalmente investigar, a partir da análise exploratória desse caso, como seu relato se constrói enquanto suposta quebra intencional de performances discursivas maternas. Para tanto, temos como base fundamentos teóricos sobre dinâmicas de construção identitária em sites de redes sociais, além das relações entre narrativas pessoais, maternidade e corpo feminino.

2. *Personas online*: dimensões da performatização de si em sites de redes sociais

De acordo com Moore, Barbour e Lee (2017) a imersão cotidiana dos sujeitos em plataformas digitais teria reconfigurado os modos como entendemos o que é e como produzimos identidade, partindo de uma noção de Bolter (2000) de que se poderia falar agora em “*networked selves*” ou *selves* em rede. O termo aponta para um aspecto dos processos de autoapresentação e constituição mesma dos sujeitos que se altera a partir da mediação das redes sociotécnicas.

Assim, Moore et al. (2017) vão propor que as *personas online* estariam ligadas a cinco dimensões: do que é ou pode se tornar público, da midiatização, da performatividade, da coletividade e do valor intencional. De modo resumido, podemos destacar que o primeiro aspecto diz respeito ao potencial real que se tem a partir das mídias digitais de serem conformados, a partir dos sujeitos, públicos que vão de “amigos íntimos e próximos a uma audiência pública massiva e global, permitida pelo ato do compartilhamento⁹” (2017, p. 3), o que não valeria apenas para celebridades, mas também “sujeitos comuns”, como o caso de Júlia.

A ideia de midiatização se refere à problemática de termos já naturalizado a ideia que nossos perfis operam necessariamente sob uma espécie de censura das empresas (sites de redes sociais, aplicativos, games etc.), instituindo uma agência que é negociada entre o pessoal, o corporativo e o institucional.

⁸ Sua postagem foi escolhida como corpus para nossa análise devido: a) à atualidade da mesma, o que fornece uma amostra das discussões recentes sobre a maternidade no Facebook; b) à quantidade de elementos presentes no relato que se pode explorar durante a análise e c) ao fato de ser uma publicação pública, o que nos fornece a possibilidade de discussão científica sobre o material sem necessariamente autorização da sua autora (buscamos inclusive contato com Júlia via Facebook para uma possível entrevista, mas não tivemos retorno).

⁹ “*very real potential to go from a small public of close and intimate friends to a massive and global public audience, enabled by the act of sharing*” (tradução nossa).

A dimensão da performance, por sua vez, é central para este artigo e condiz com a visão que temos trabalhado (POLIVANOV, 2012) de que as ações que fazemos em sites de redes sociais, como postar textos, imagens, curtir e reagir aos conteúdos alheios, compartilhar postagens etc. são modos de performatizar nossas identidades nessas esferas (semi) públicas. Tal ideia se conecta diretamente a de que haveria uma dimensão coletiva das *personas online*, no sentido de que:

O indivíduo não é mais “parte” de um coletivo, mas sim está conectado a múltiplos públicos, fazendo a dimensão coletiva da persona um **complexo meta-coletivo**. Em cada público, o indivíduo é um nó, mas eles estão simultaneamente orbitando nós de outras redes. A complexa sobreposição de redes, no entanto, ainda pode ser pensada como tendo um ponto central, que é a persona do usuário¹⁰ (MOORE, BARBOUR, LEE, 2017, p. 6, grifo no original).

Por fim, a ideia de valor intencional diz respeito ao fato de termos finalidades de certo modo específicas ao elaborarmos nossas *personas online*, seja para relações pessoais, profissionais ou visando um público mais amplo (ou todas juntas). Elas estariam vinculadas, segundo os autores, a questões como agência, reputação e prestígio, de modo inclusive similar ao que propôs Recuero (2009) ao sugerir quatro grandes valores disputados em sites de redes sociais em termos de capital social: popularidade, visibilidade, autoridade e reputação. Assim, cada ação performática pode contribuir ou não para a construção de tais valores.

Os sites de redes sociais constituem, portanto, espaços que possuem recursos por meio dos quais os usuários articulam a maneira como desejam se apresentar aos demais – ainda que mediados pelos próprios *softwares* e dispositivos de interação – empreendendo, portanto, performances de si nesses espaços. São ambientes em que o usuário seleciona quais aspectos de sua personalidade, trajetória e/ou rotina serão revelados ao olhar alheio, com finalidades diversas. Assim, editar um perfil pessoal em um site como o Facebook é entendido aqui enquanto uma forma de autoapresentação e construção de identidade (BOYD E HEER, 2006; RECUERO, 2009; MILLER, 2011; POLIVANOV, 2014; KING, 2016), tendo em vista uma intencionalidade performática, projetando-a ao público pelo qual deseja ser visto.

Paula Sibilia (2008) indica a necessidade contemporânea de construir e gerenciar, nesses espaços, uma imagem pública de si que agregue valores capazes de

¹⁰ “No longer is the individual ‘part’ of a collective, but rather the individual is connected to multiple publics, making the collective dimension of persona a meta-collective complex. In each public, the individual is a node, but they are also simultaneously orbiting nodes in other networks. The complex overlapping of networks, however, can still be thought of as having a central point, which is the user’s persona” (tradução nossa).

tornar o sujeito atraente para seus pares, isto é, para o público que o vê. Em raciocínio semelhante, Vera King (2016) argumenta que o indivíduo promove o empreendimento de si mesmo com fins de valorizar sua imagem e publicizá-la, dinâmica potencializada pelos sites de redes sociais.

Ainda que concordemos com as autoras quanto a esses aspectos, chamamos a atenção neste trabalho para um tipo de comportamento que parece propor uma ruptura intencional de performances tidas como ideais, ou com o que frequentemente é atrelado a algo que seria atraente para os olhares alheios. Ainda que não neguemos que tal ato performativo – apresentar a intimidade e as dificuldades de ser mãe – possa também, claro, ser valorizado por parte do público, tendo certo caráter de ousadia e sinceridade, o que discutiremos na análise do corpus. Tratar-se-ia, na hipótese que formulamos aqui, de uma quebra de expectativa quanto às normas sociais vigentes do Facebook (MILLER, 2011)¹¹, ao se apresentar uma possibilidade de uma maternidade não necessariamente feliz e satisfatória.

3. Maternidade e corpo feminino

Diferentes autores argumentam que a maternidade, ao ser tomada como natural e necessário, apaga seu processo de construção que, ao longo dos séculos, reuniu um conjunto de valores e interesses das esferas políticas, econômicas e sociais. O sentimento de amor materno não é inato, tendo sido articulado por diversos agentes da ciência médica – responsável por centralizar a mulher-mãe no núcleo familiar burguês – bem como vinculado a práticas culturais e veículos midiáticos (BADINTER, 1985, 2011; BUTLER, 2016; MOREIRA e NARDI, 2009; PINHEIRO, 2012).

Judith Butler (2016) utiliza o termo “performatividade” para se referir às práticas regulatórias e de repetição que impõem uniformidade no comportamento estabelecido como coerente pela cultura no que tange sexo, desejo e gênero. O corpo seria um meio de inscrever práticas sociais, de modo que o gênero é produzido por uma série de atitudes que remetem ao que se pretende representar. Repetir uma sequência de atos que foram estabelecidos cultural e socialmente como femininos é validar-se como um sujeito pertencente a este gênero. Assim, performatizar o amor materno, a devoção aos filhos e o cuidado com a família seriam formas de construir-se e ser reconhecido como

¹¹ Daniel Miller (2011) argumenta que, do mesmo modo que na vida social *off-line* as pessoas (em geral) sabem como se portar em cada ambiente e situação, no Facebook os usuários conhecem a “etiqueta” que se espera deles naquele espaço, adaptando a maneira como se apresentam a essa norma não explícita de comportamento.

um sujeito feminino – classificando a maternidade como um dos atos performáticos mais representativos do mesmo.

O discurso de Rousseau¹² voltado às mulheres do século XVIII – que colocava a maternidade como seu destino e dever – ainda reverbera na contemporaneidade. O exercício da condição feminina em sua plenitude permanece associado ao fato de tornar-se mãe, e uma boa mãe (BADINTER, 2011).

Moreira e Nardi (2009) demonstram como diferentes mães avaliam seu desempenho com base nas expectativas do que os autores chamam de norma da maternidade. Em cada tempo, investe-se em um padrão de mulher-mãe cujo produto é uma norma de maternidade que funciona por meio da associação de algumas características a um modo de ser mãe considerado mais adequado. Apesar de produzida socialmente, tal norma passa a ser naturalizada e, a partir dela, outros modos de maternidade são avaliados e hierarquizados, inclusive pelas próprias mães.

É possível inferir que essa norma maternal reflita valores da sociedade e da época em que opera. No caso, a moral contemporânea vinculada a uma estética desprovida de imperfeições no que diz respeito ao corpo, sobretudo o da mulher (SIBILIA, 2012). As novas dinâmicas para construção do feminino são de natureza estimuladora – é preciso aparentar ser cada vez mais jovial, mais satisfeita e elegante, sem sinais de abalo. Nas palavras de Goldenberg (2008, p. 80), “a mulher pode não ter vergonha de mostrar seu corpo, mas não, diz-se, sem que antes ele passe por uma sessão de revisão pelo software, que apagaria celulites, gordurinhas, manchas, estrias”. Um corpo sensual, jovem, sem marcas e em boa forma pressupõe sacrifício, trabalho e investimento. Tal cobrança de perfeição acaba se estendendo para outros campos da vida das mulheres. Em casa, entre amigos, no trabalho ou no Facebook, é necessário aparentar disposição e mostrar-se plena.

Os próprios movimentos feministas vêm reivindicando novos padrões de corporeidade, beleza e cuidados de si, que Margareth Rago (2004) chama de estéticas feministas da existência. Ela acredita que, de modo geral, preocupam-se tanto com o refinamento do espírito quanto com a beleza corporal, a saúde, a agilidade, a elegância e a moda na construção de si e de uma nova ordem social e sexual. Nesse processo, a figura da mãe também absorve o erotismo e a preocupação com o corpo, sendo que este último se distancia da figura santificada enaltecida pelo discurso rousseauísta.

¹² Segundo Discurso de Jean-Jacques Rousseau, publicado em 1754 e rapidamente apropriado por médicos, moralistas, administradores e pais de família na criação de suas filhas (BADINTER, 1985).

Apesar disso, no que diz respeito aos sentimentos e à postura em relação aos filhos, a figura materna continua muito vinculada à imagem de mãe idealizada por Rousseau – amorosa, segura, incansável nas tarefas de guiar, cuidar e educar os filhos.

Assim, a atual norma da maternidade pode englobar tanto elementos estéticos quanto comportamentais. Ser uma boa mãe implicaria, por um lado, manter-se vaidosa, recuperar a silhueta anterior à gravidez, cuidar da aparência e, por outro, ser paciente, ter bom-humor, estar animada e encantada com suas obrigações maternas.

Por muito tempo, o diálogo entre mulheres a respeito da mesma permaneceu restrito. No século XX, sobretudo no interior do Brasil, mulheres solteiras não faziam parte dos círculos de conversa que as mães casadas mantinham entre si, mesmo que tivessem filhos. Em ocasiões sociais, a maternidade era tratada na condição de cobrança, carência (caso a mulher não fosse mãe) ou relatos breves. Era raro que mulheres, famosas ou não, falassem sobre suas experiências enquanto mães. Questões como aborto, controle de natalidade, depressão pós-parto – na época sequer entendida como tal – e dificuldades maternas eram tratadas em segredo, entre semelhantes (PEDRO, 1998).

Margareth Rago (2009) entende que, ao falarem sobre suas próprias vidas, as mulheres estão afirmando modos alternativos de inscrição no mundo, constituindo novas subjetividades e reinventando a si mesmas. Por meio dessas cartografias de si, inauguram discursos que ajudariam a quebrar as concepções impositivas, hierarquizantes e não raramente misóginas há tanto tempo consagradas como as únicas possibilidades existentes (RAGO, 1998) – o que pode ser estendido à maternidade. O recente fenômeno de falar sobre a maternidade de forma aberta, no Facebook, pode abrir então caminhos para novas maneiras de as mulheres se relacionarem com as alegrias, impactos, expectativas e desafios inerentes ao papel de mãe.

4. Análise da postagem de Júlia no Facebook: reivindicações de uma nova performance materna

No primeiro dia de junho de 2017, Júlia Rocha compartilhou publicamente¹³ em seu perfil pessoal a postagem já apresentada na introdução deste trabalho, amplamente curtida e compartilhada no Facebook¹⁴.

¹³ Compartilhar um conteúdo publicamente no Facebook significa dar permissão para que qualquer pessoa – independentemente de estar entre seus contatos ou mesmo de ser membro do Facebook – possa ter acesso a ele.

Na primeira frase do depoimento, – “Sabe o que rola nessa internet que ninguém fala?” – a autora evidencia que tem consciência de que algo é oculto pelos atores sociais na internet. Ela prossegue – “Rola muita gente sendo feliz demais da conta” – fazendo referência à prática de compartilhar conteúdos “felizes” nesse ambiente. Podemos traçar um paralelo entre tal colocação e o imperativo da felicidade descrito por João Freire (2010) em relação às postagens feitas em sites de redes sociais, em especial o Facebook. Para Júlia, há algo suspeito nessa “gente sendo feliz demais da conta”, na demonstração – que aqui podemos chamar de performance – de tanta felicidade.

Logo depois, muda o tom: “Eu não quero aqui fazer apologia a tristeza. Jamais. Eu quero mesmo é dar risada”. Júlia demonstra entender a expectativa e o valor de conteúdos “felizes” na plataforma em que está escrevendo – o Facebook – e faz uma breve pausa em sua “denúncia” para posicionar-se como alguém que também gosta de fazer publicações alegres. Incorpora, como diz Miller (2011), a “etiqueta” local.

“Só tem um problema” – retoma – “Um problema bem sério que eu vou contar agora: tchan tchan tchan tchaaannn!!!”. Importante perceber que, ao longo de todo o depoimento, Júlia faz uso do humor e de linguagem coloquial. Tal recurso pode ser entendido como uma adequação ao “espírito de felicidade” do Facebook, bem como uma tentativa de proximidade com os possíveis interlocutores, como acontece na frase seguinte – “Tipo: eu sou a Júlia, né, mãe de primeira viagem”.

Essa é a primeira vez que a autora se apresenta como mãe na postagem. Contudo, essa informação encontra-se na descrição¹⁵ de seu perfil pessoal. Isso sugere que ser mãe é parte importante do que Júlia considera sua identidade, já que a coloca como uma das características que permitem identificá-la aos demais.

No segundo parágrafo do depoimento, temos uma extensa descrição do estado físico em que a autora se encontra. Descabelada, com manchas de melasma resultantes da gravidez, pele seca, estrias, celulite, olheiras, espinhas, esmalte descascado, sobrancelhas por fazer, dentes mal escovados. Júlia enumera atributos que não poderiam

¹⁴ Primeira checagem do material realizada em 03/06/2017. Para a realização do presente artigo, fez-se nova coleta, em 03/07/2017. As diferenças entre os dois momentos foram: aumento do número de reações (de 15 mil para 16 mil), elevação da quantidade de salvamentos (de 255 para 284), mais comentários (de 3,1 mil para 3,5 mil) e aumento do número de compartilhamentos, que subiu de 2.514 para 2.798. A maior parte dos comentários data do mesmo dia da postagem, o que – aliado à pouca diferença entre a quantidade de reações, compartilhamentos e salvamentos obtidos no dia da publicação e um mês após a mesma – indica que a repercussão da postagem foi imediata e em grande volume.

¹⁵ Descrição é um recurso no Facebook que permite que o usuário escreva uma frase de apresentação de si em seu perfil pessoal. A descrição de Júlia é: “Cantora, compositora, médica e mãe. Esposa do Átila. Amante do samba”. Disponível em: < <https://www.facebook.com/juliapamed> >. Acesso em 03/07/2017.

estar mais distantes tanto da moral da boa forma contemporânea – usando aqui a expressão de Sibilia (2012) – quanto dos discursos de cuidado consigo mesma promovidos pelos novos movimentos feministas (RAGO, 2004).

Se a moral da boa forma recomenda uma edição da imagem corporal (mais bonita, mais produzida) que se estende aos comportamentos e atitudes dos indivíduos (mais confiantes, mais bem-sucedidos), a postagem de Júlia rompe com esses dois imperativos. Enquanto mulher, essa ruptura é ainda mais acentuada, visto que é sobre elas que recaem as maiores pressões de adequação imagética (GOLDENBERG, 2008). O relaxamento com a aparência, na contemporaneidade, seria tomado como insalubridade, inadequação, constrangimento. É amoral apresentar-se de maneira desleixada, deixar imperfeições à mostra.

No terceiro parágrafo, Júlia continua – “essa pessoa que está bravamente tentando ser mãe, mulher (mentira, que eu nem tô tentando isso mais - desisti) e profissional abre o feicibuk e vê o quê?¹⁶”. Nesse trecho é possível perceber a associação, encarnada pela própria autora, entre ser mulher e cuidar da aparência. Pode-se inclusive traçar um paralelo com Judith Butler (2016), tomando o cuidado corporal e a vaidade como atos performáticos fortemente inscritos no gênero feminino. Zelar e gostar do próprio corpo são movimentos encorajados inclusive pelos movimentos feministas atuais (RAGO, 2004), associados à saúde e à autoestima.

O depoimento segue – “Só tem eu regassada desse jeito. As mãe tá tudo amando as cria aqui e só”. Para Júlia, as outras mães que utilizam o Facebook se apresentam em conformidade com a norma que seria esperada delas enquanto sujeitos contemporâneos (felizes, bem-sucedidas), mulheres (arrumadas, vaidosas) e mães (amorosas, dispostas, satisfeitas). Júlia também reivindica o sentimento de amor pelo filho, porém destoa das demais em relação aos outros fatores que comporiam sua felicidade enquanto mãe, pessoa e mulher. E então desabafa: “Ninguém fala do lado assustador de ser mãe. Ninguém. É um silêncio! Tá todo mundo parado só na parte do amor”.

A reclamação de Júlia remete a séculos de silenciamento diante das dificuldades da vivência materna sob a justificativa de que seriam suprimidas pelo sentimento de amor aos filhos (BADINTER, 1985, 2011; PEDRO, 1998). Silêncio este que ela ainda identifica tanto em seu cotidiano quanto nos discursos que vê circular no Facebook.

¹⁶ É importante destacar que mantivemos o texto de Júlia tal como foi feito, sem correções visando adequação à norma culta da língua, para que não se perca justamente o tom cômico e informal de sua escrita.

Também é possível relacionar a estagnação “na parte do amor” aos atos performáticos que constroem o que é ser mãe. Partindo dos conceitos de Butler (2016), podemos inferir que os atos performáticos tradicionalmente relacionados à figura materna – afetividade, paciência – são empenhados pelas mães em detrimento de outras performances que iriam de encontro ao que socialmente se esperaria tanto das mães quanto das mulheres. Desse modo, opera-se o reforço da norma da maternidade – usando aqui a expressão de Moreira e Nardi (2009) – relacionada ao encantamento e à satisfação por ser mãe.

Mesmo sendo médica, “cheia das informação quente”, Júlia relata que teve problemas para lidar com todas as exigências (físicas e emocionais) da maternidade. E chegou à seguinte conclusão: “Porra, eu sou um cocô, mesmo! Cheio de mãezona aqui mandando ver, dormindo, comendo light, magrinha, musculosa, sem estria, transanu pra caramba com os maridão delas e eu tentando tomar banho às 11 e 53 da noite, parecendo um zumbi, comendo até o pé da mesa, largando de ir na academia”.

Ao comparar-se com outras mães que aparentavam encarnar a norma de maternidade sem maiores complicações, Júlia sente que falhou. Ser uma boa mãe implicaria corresponder às expectativas sociais relacionadas à prática maternal (BADINTER, 2011), e ela não foi capaz de fazê-lo. Além disso, percebe o “desleixo” com sua aparência, corpo e vida sexual como fracassos. Ao contrário das “mãezonas”, não conseguiu cuidar dos filhos e ainda se manter vaidosa, sexualmente satisfeita.

Interessante como o desempenho sexual ganha relevância na percepção de Júlia sobre a rotina das outras mães. A alteração no modo como os movimentos feministas passaram a encarar a maternidade e seu impacto na vida das mulheres (RAGO, 2004) parece comprovar-se. Ser mãe já não implica abdicar dos prazeres carnavais nem da vaidade para criar os filhos. A imagem materna permite ser associada a outros valores além dos de afeto e zelo.

No sexto parágrafo, a autora direciona sua fala a mães que compartilham sua situação. Júlia diz que está “igualzim” a elas e acrescenta saber que estão passando por dificuldades similares. É neste parágrafo que a autora explicita a intencionalidade performática de sua postagem, utilizando, para isso, a própria performance. Ela revela que deseja mostrar a outras mães que elas não são as únicas com problemas no exercício da maternidade, permitindo a criação de uma pauta a partir da dimensão do complexo meta-coletivo advindo de si enquanto nós na rede (MOORE ET AL., 2017).

A colocação seguinte, “Nós não precisamu mentir pra nós”, denota que há mais camadas na performance de Júlia. Ela aponta que há um “nós”, um grupo, dentro da esfera pública do Facebook, que não compactuaria com as performances idealizadas da maternidade. E ainda, por conhecer os desafios da rotina das mães, a autora considera-se capaz de apontar uma realidade que estaria oculta, buscando a construção de uma ideia de reputação e autoridade (RECUERO, 2009) que passaria não pelo prestígio (MOORE ET. AL, 2017) e por uma performance que poderia ser entendida enquanto encenação, *fake*, mas por valores de sinceridade e autenticidade, entendendo as construções “hegemônicas” de maternidade no Facebook (agradáveis, belas, serenas) como performáticas, no sentido de estarem representando algo (ainda que seu próprio discurso seja também uma performance). No caso, uma experiência maternal plena e tranquila, alinhada aos ideais ainda influentes da mãe equilibrada, incansável e amorosa idealizados por Rousseau.

Júlia diz que as mães têm consciência do que estão disfarçando, como evidencia o trecho: “Nós sabemu que nós tá tudo no ponto de dormir 3 anos de tão cansada”. Ela aponta os atos performáticos dessas mães e, com seu discurso, causa-lhes uma ruptura ao expô-los. De certo modo, a autora tenta estabelecer que todas as fotos e postagens sorridentes e harmoniosas de mães com seus filhos com as quais teve contato escondem os “bastidores” de uma fachada (GOFFMAN, 2009) – dificuldades e sentimentos que não aparecem na edição final desses conteúdos, ou seja, não são expostos ao olhar alheio.

O processo de publicizar e valorizar a própria imagem (KING, 2016; SIBILIA, 2012) é apontado por Júlia como exercido pelas “mães felizes do Facebook”. No entanto, o mesmo não se aplica à sua postagem. Ela compartilha detalhes da esfera íntima que seriam escondidos, inclusive porque tornariam a autora mais vulnerável à desaprovação alheia. Por vontade própria, Júlia decide expor aspectos da sua rotina que ela mesma considera negativos, problemáticos. Ela não os ocultou para protegê-los nem os editou para parecerem melhores do que são (como acusa outras mães de fazer). Com isso, rompe inclusive a “etiqueta” do Facebook.

No parágrafo seguinte, a autora declara – “pode ficar triste, povo” –, o que funciona como réplica ao próprio imperativo da felicidade presente na vida contemporânea e nos sites de redes sociais. Em seguida, associa essa felicidade “obrigatória” ao exercício da maternidade.

Júlia também argumenta que as mães não se resumem a seus filhos. “Não é futilidade olhar no espelho e ver um corpo novo e ficar assustada, triste, insegura”, diz. Apesar da experiência materna contemporânea admitir elementos como a sensualidade e a sexualidade, Júlia percebe que ainda persiste a crença de que a preocupação com a aparência é antagônica ao exercício da maternidade. Ela admite – “já me senti uma cruel pecadora quando me olhei e falei: "Porrannn! tá bom não". Comássim eu tô preocupada com o meu cooorpo?!”. A imagem da mãe ideal, responsável e educadora construiu-se em oposição à mãe egoísta, indigna e má (BADINTER, 1985). Ser uma “cruel pecadora” implica agir contra o que é considerado correto e moral. Descumprir a norma. A mãe pode se preocupar com outras questões além do filho – inclusive o cuidado com o corpo –, mas elas nunca poderiam ocupar mais espaço do que o mesmo. O parágrafo enumera várias situações de desconforto da autora em relação a seu corpo pós-gravidez, o que evidencia a importância que a imagem corporal tem para ela e a profundidade de sua relação com o próprio corpo. No início, tal conjuntura fez Júlia sentir culpa, justamente por estar mais preocupada com sua silhueta do que com o choro do filho.

No último parágrafo, a autora conclui: “Só vim dizer que pode se sentir um lixo, pode ficar triste, pode deitar na cama em posição fetal (...). Vai passar”. Nota-se a ênfase no fato de que mães poderiam sentir e demonstrar emoções que geralmente não são associadas à maternidade. Também é possível perceber a solidariedade de Júlia para com as outras mães, o que é reforçado no trecho seguinte: “Se não passar cês faz que nem eu. Escreve um textão e fala que tá difícil, também. Aí, eu vou ler o texto de vocês e vou ver que é difícil pra todo mundo e vou ficar até mais animadinha”.

Assim, Júlia encoraja mais mulheres a também compartilharem as dificuldades de sua experiência maternal, quase que como numa experiência catártica (POLIVANOV, 2014), revelando essa atitude como capaz tanto de ampliar o senso de apoio de seu próprio depoimento quanto de servir de amparo para ela mesma lidar com os desafios de ser mãe – efeito que também se estenderia às demais mulheres.

5. Considerações finais

Se a intenção da performance de Júlia é, segundo a própria autora, mostrar às demais mães que elas estão vivenciando situações semelhantes (e que não teria nada de errado com isso), descrever os obstáculos de seu cotidiano maternal pode ser tomado como uma estratégia performática para revelar essas semelhanças, gerar identificação e,

sobretudo, romper com o que Júlia identifica como problemático no trato com a maternidade: o silêncio sobre “o lado assustador de ser mãe”. Tal processo associa-se ao que Rago (2009) afirma sobre a possibilidade que as mulheres têm de configurar novas formas de inscrição no mundo a partir do ato de falarem sobre suas próprias vidas. Dialoga também com a afirmação de Pinheiro (2012) de que as mulheres operariam uma reconstrução discursiva da relação entre gênero feminino e maternidade ao produzirem discursos sobre esta última.

Desse modo, a postagem de Júlia Rocha produz um triplo movimento de “quebra”: expõe problemas em um site de rede social conhecido pela prevalência de conteúdos “felizes” no que se refere às publicações pessoais; retrata uma experiência socialmente tomada como afetuosa e reconfortante – a maternidade – como exaustiva, sofrível e perturbadora e revela, em um ambiente expositivo, detalhes da vida privada que geralmente seriam ocultos.

Expor aspectos tão reveladores de sua intimidade – e pedir que outras mães também o façam – é um modo de romper com a performance de “mãe ideal”, apresentando uma maternidade que, ao invés de perfeita e sem atritos, é árdua e complexa. E isso é feito a partir de um local de fala específico: um perfil pessoal no Facebook. Assim, entendemos que a publicação em especial sobre maternidade de Júlia não só performatiza aspectos do que ela considera relevante para o seu *self*, como também traz uma dimensão de coletividade para a mesma, ao fazer parte de um movimento mais amplo de outras mães que vêm questionando ou buscando romper com performances já socialmente aceitas sobre esse papel social, mas que vão se centrar em relatos individuais, que podem se espalhar para públicos distintos a partir de cada nó na rede.

REFERÊNCIAS

BADINTER, E. **O conflito**: a mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Record, 2011.

_____. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. São Paulo: Nova Fronteira, 1985.

BOYD, D; HEER, J. Profiles as Conversation: Networked Identity Performance on Friendster. **Proceedings of the Hawai'i International Conference on System Sciences (HICSS-39)**, online, jan. 2006.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CARRERA, F. O Imperativo da Felicidade em Sites de Redes Sociais: Materialidade como Subsídio para o Gerenciamento de Impressões (quase) Sempre Positivas. **Revista Eptic Online**, v.16, n.1, p.33-44, jan.-abr. 2014.

FREIRE FILHO, J. O anseio e a obrigação de ser feliz hoje. In: FILHO, J.F. (Org.). **Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 13-25.

GOOFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2009.

GOLDENBERG, M. **Coroas: Corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

KING, V. “If you show your real face, you’ll lose 10 000 followers” – The Gaze of the Other and Transformations of Shame in Digitalized Relationships. **CM: Communication and Media**, vol. 11, n. 38, p.71-90, 2016.

MILLER, D. **Tales from Facebook**. Malden: Polity Press, 2011.

MOORE, C.; BARBOUR, K.; LEE, K. Five Dimensions of Online Persona. **Persona Studies**, vol. 3, no. 1, 2017.

MOREIRA, L.; NARDI, H. Mãe é tudo igual? Enunciados produzindo maternidade(s) contemporânea(s). **Estudos Feministas**. Florianópolis, v.17, n.2, p. 569-594, maio-ago.2009.

PEDRO, J. A publicidade na intimidade: punição e controle. In: GROSSI, M. PEDRO, J.M. (Org.). **Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade**. Florianópolis, SC: Ed. Mulheres, 1998.

PINHEIRO, L. Falando sobre maternidade em redes sociais: letramentos digitais como espaços de redescritção identitária. **Anais Eletrônicos do IX Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada**, 2012.

POLIVANOV, B. **Dinâmicas Identitárias em Sites de Redes Sociais: Estudo com Participantes de Cenas de Música Eletrônica no Facebook**. Rio de Janeiro: Luminária, 2014.

RAGO, M. Cartografias de si no feminismo da diferença: Amelinha, Gabriela, Norma. In: _____, E.J. (Org.). **Práticas feministas em novos modos de subjetivação**, 2009.

_____. Epistemologia feminista, gênero e história. In: GROSSI, M.; PEDRO, J. M. (Org.). **Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade**. Florianópolis, SC: Ed. Mulheres, 1998.

_____. Feminismo e subjetividade em tempos pós-modernos. In: COSTA, C. L.; SCHIMMIDT, S.P. (Org.). **Poéticas e políticas feministas**. Florianópolis, SC: Ed. Mulheres, 2004.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

SIBILIA, P. O corpo velho como uma imagem com falhas: a moral da pele lisa e a censura midiática da velhice. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, ano 9, v. 9, n. 26, p. 83-114, nov. 2012.

_____. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.